

e-ISSN: 2387-1555

DOI: <https://doi.org/10.14201/rea2021123150>

CIVILIZAÇÃO EM JOGO: ATRASO CONTRA MODERNIDADE NA COPA DO MUNDO DE 1950 ATRAVÉS DA IMPRENSA ESCRITA BRASILEIRA

*Civilización en juego: retraso versus modernidad en
el Mundial de 1950 a través de la prensa escrita brasileña*

*Civilization at Stake: Delay versus Modernity in the 1950
World Cup Through the Brazilian Written Press*

Gerson WASEN FRAGA 

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Brasil

gwfraga@terra.com.br

Fecha de recepción: 04/09/21

Fecha de aceptación: 10/11/21

Fecha de publicación: 31/01/22

RESUMO: Disputada em solo brasileiro no ano de 1950, a IV Copa do Mundo de Futebol assumiu, aos olhos da imprensa brasileira, um conjunto de significados que iam além de seu aspecto meramente esportivo, sendo apresentada como uma possibilidade ímpar para o Brasil mostrar-se ao mundo como uma nação civilizada, moderna, capaz de grandes conquistas e realizações. Contudo, após a inesperada derrota para o Uruguai na última partida, foram buscadas explicações e culpados para o que havia acontecido dentro das quatro linhas do Maracanã. Este processo acabaria por resgatar antigas perspectivas acerca do brasileiro, autoimagens depreciativas, herdeiras do período colonial mas reforçadas pela intelectualidade de fins do século XIX e começo do século XX, que consideravam o próprio povo brasileiro, devido a fatores como a mestiçagem e o clima, como condenado ao atraso diante de um modelo europeu de civilização. Porém, a metade do século XX também é marcada por uma perspectiva oposta, herdeira do Modernismo, que, na contramão

das perspectivas então tradicionais, considerava a mestiçagem um fator positivo, difundindo uma imagem de originalidade para a cultura brasileira e a ideia de um futuro promissor para a nação. Desta forma, a cobertura do evento pela imprensa esportiva assumia um sentido que projetava sobre a seleção brasileira de futebol e seu desempenho em campo a disputa então existente entre estas duas perspectivas, como se o selecionado brasileiro tivesse o poder de encarnar, através de suas atuações em campo, a própria essência da identidade nacional brasileira, mimetizando, conforme os resultados, uma história e um destino condenado aos fracassos ou destinado a conquistas.

Palavras chave: identidade nacional; futebol; copa do mundo de 1950; imprensa escrita; Brasil.

RESUMEN: Disputada en suelo brasileño en 1950, la IV Copa Mundial de Fútbol asumió, a los ojos de la prensa brasileña, un conjunto de significados que iban más allá de su aspecto meramente deportivo, presentándose como una posibilidad única para que Brasil se mostrara al mundo como una nación civilizada, moderna, capaz de grandes logros. Sin embargo, tras la inesperada derrota ante Uruguay en el último partido, se buscaron explicaciones y se produjeron culpables de lo ocurrido dentro de las cuatro líneas del maracanã. Este proceso acabaría por rescatar viejas perspectivas sobre las autoimágenes brasileñas, despectivas, herederas del período colonial pero reforzadas por la intelectualidad de finales del siglo XIX y principios del XX, que consideraban al propio pueblo brasileño, debido a factores como la mestizaje y el clima, condenados al retraso ante un modelo europeo de civilización. Sin embargo, la mitad del siglo XX también está marcada por una perspectiva opuesta, heredada del Modernismo, que, en sentido contrario a las perspectivas entonces tradicionales, consideraba el mestizaje un factor positivo, difundiendo una imagen de originalidad para la cultura brasileña y la idea de un futuro prometedor para la nación. Así, la cobertura del evento por parte de la prensa deportiva asumió un significado que proyectó sobre la selección brasileña de fútbol y su desempeño en el campo la disputa entonces existente entre estas dos perspectivas, como si el brasileño seleccionado tuviera el poder de encarnar, a través de sus actuaciones en el campo, la esencia misma de la identidad nacional brasileña, mimetizando, según los resultados, una historia y un destino condenados a fracasos o destinados a conquistas.

Palabras clave: identidad nacional; fútbol; copa mundial de 1950; prensa escrita; Brasil.

ABSTRACT: Played on Brazilian soil in 1950, the IV FIFA World Cup took on, in the eyes of the Brazilian press, a set of meanings that went beyond its merely sportive aspect, being presented as a unique possibility for Brazil to show itself to the world as a civilized nation, modern, capable of great victories and achievements. However, after the unexpected defeat to Uruguay in the last match, explanation and guilty parties were looked for because of what had happened inside the four

lines of Maracanã. This process would end up bringing back old perspectives on the Brazilians, depreciative self-images, inherited from the colonial period but reinforced by the intellectuality of the end of the 19th century and beginning of the 20th century, which considered the Brazilian people themselves, due to factors such as miscegenation and climate, as condemned by backwardness in face of a European model of civilization. Nevertheless, the half of the 20th century is also marked by an opposite perspective, inheritor of Modernism, that, on the other side of the traditional perspectives at the time, considered miscegenation a positive factor, spreading an image of originality for Brazilian culture and the idea of a promising future for the nation. This way, the coverage of the event by the sports media took on a sense that projected over the Brazil national football squad and its performance on the field the dispute that existed then between these two perspectives, as if the selected Brazilian had the power to embody, through their on-field performance, the essence of the Brazilian national identity itself, mimicking, according to the results, a history and a destiny condemned to failure or destined to achievement.

Key words: nacional identity; soccer; 1950 world cup; written press; Brazil.

I. INTRODUÇÃO

A realização de um acontecimento da magnitude de uma Copa do Mundo ou dos Jogos Olímpicos extrapola, em muito, os aspectos meramente esportivos. Ao sediar um evento de tal natureza, as nações sabem que durante certo tempo, os olhos do mundo, materializados na ação da grande mídia, estarão voltados para si, demandando a necessidade de gerar uma imagem positiva diante da comunidade internacional. Para além dos aspectos culturais ou folclóricos, sempre lembrados nas cerimônias de abertura e encerramento, cumpre produzir uma imagem calcada no trinômio «organização, civilização e modernidade». Em que pese o cumprimento do extenso rol de exigências impostas por organizações como a *Fédération Internationale de Football Association* ou do *International Olympic Committee*, as nações-sede sabem que eventuais deslizos organizacionais poderão ser lembrados por muito tempo, produzindo uma perspectiva negativa acerca do país (Cfe: Damo; Oliven, 2014).

Esta lógica, sobremodo visível nas grandes competições esportivas da atualidade, já se encontrava presente quando da realização do IV Campeonato Mundial de Futebol, ocorrido em solo brasileiro no ano de 1950. Urgia produzir uma imagem de modernidade, de «nação civilizada», em oposição à ideia de que o país se constituiria em uma espécie de «grande floresta tropical», comportando algumas poucas ilhas de civilização. Outro problema residia em nossa autopercepção, uma vez que, historicamente, diversos intelectuais retrataram nosso povo como indolente e pouco operoso. Para quebrar tais estigmas, cumpria não somente que o evento tivesse uma organização perfeita, mas expressar, através das obras necessárias para sua realização, a engenhosidade do povo brasileiro. E, sobretudo, comprovar nossa capacidade de grandes conquistas através da vitória final.

O objetivo deste trabalho está em analisar como o IV Campeonato Mundial de Futebol foi entendido e apresentado pela mídia impressa brasileira. Ostentando ideais de civilização e modernidade, os periódicos analisados por vezes estabeleciam em seu discurso uma ligação direta entre o campo esportivo e os diversos estereótipos existentes acerca do brasileiro. Cabe ressaltar que neste momento esta autoimagem negativa era questionada por novas leituras produzidas por intelectuais que procuravam valorizar o que de positivo houvesse em nossa formação social e cultural. Entendemos portanto a época de realização daquele mundial como um período de fronteira entre autopercepções distintas, que conferiam ao resultado final daquela Copa do Mundo um significado que em muito ultrapassava as quatro linhas do gramado.

II. UM BRASILEIRO PARA QUEM QUISER LER...

A equipe brasileira que entrou em campo, na tarde do dia dezesseis de julho de 1950 para enfrentar o Uruguai representava uma nação heterogênea sob diversos aspectos. O peso da escravidão, abolida há tão somente sessenta e dois anos, conferia ao Brasil, tal como hoje, um quadro de grande diversidade racial que se refletia também em desigualdade econômica.¹ A jovem República, que completaria ainda sessenta e um anos, forjara ao longo de suas primeiras quatro décadas uma tradição de exclusão do povo, ficando o controle da coisa pública subsumido sob o poder de elites regionais, levando o conceito de «cidadania» e, paradoxalmente, o de «República», ao completo esvaziamento. Em alguns estados, bolsões de imigração ainda geravam brasileiros que pouca ou nenhuma identificação possuíam com o próprio país, em que pese as reformas educacionais propostas a partir da ascensão de Getúlio Vargas à presidência em 1930. Dentre os intelectuais, a busca por um modelo de civilização conduzia os olhos para além do oceano ou, mais recentemente, ao hemisfério norte, deixando-os de costas para o interior do país.

Esta população, heterogênea sob diversos aspectos, era comumente percebida pelos luminares da intelectualidade brasileira de forma pouco elogiosa. Em 1911, Oliveira Lima, em *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, apresentava nossa diversidade racial como um problema, agravado pelas condições climáticas e pela extensão territorial. A superação desta questão, segundo o autor, ocorreria através da assimilação de uma cultura superior, naturalmente branca, europeia e, por isto mesmo, desenvolvida. Evidenciando a persistência de uma dicotomia entre o Brasil litorâneo e o interiorano, Oliveira Lima reservava um especial apreço pela figura histórica dos Bandeirantes, vistos como «*pioneiros do deserto*», «descobridores de um mundo novo, oculto aos navegadores», «*obscuras*

1. A rigor, é perfeitamente plausível que entre os cerca de duzentos mil expectadores que compareceram ao Maracanã naquela tarde houvesse alguém que, quando jovem, tenha passado pela experiência da escravidão.

artífices de uma grande nação, sem que a fortuna e o renome fizessem brilhar seus nomes à maneira do dos combatentes do litoral» (Lima, 2000: 87).

O caminho intelectual de Oliveira Lima remete, em boa medida, à trajetória feita poucos anos antes por Euclides da Cunha. Para este, porém, a solução para o problema da constituição de uma raça brasileira não viria pela assimilação, mas sim pela própria força da natureza: condenados à civilização, estaríamos na encruzilhada entre o progresso e o desaparecimento (Cfe: Cunha, 2000: 64-5).

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (...) E o mestiço – mulato, mamaluco ou cafuz –, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a atitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se preste, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida (Cunha, 2000: 93-4).

Estas perspectivas expostas por Euclides da Cunha, que o levaram a definir o sertanejo como *«um forte»*, verdadeiro *«Hércules-Quasímodo»* adaptado ao meio hostil, seriam retomadas na imprensa escrita mais de meio século depois. Em matéria intitulada *«Ainda existe o sertanejo de Euclides»*, a *Revista do Globo* apresentava certo vaqueiro identificado apenas por Antônio. Nas fotos, as legendas destacavam sua indumentária rústica e sua *«forma grosseira de um campeão medieval»*.

Eis aqui o vaqueiro Antônio, fotografado pela nossa reportagem em Água Vermelha, no interior baiano. Apesar dos anos decorridos desde a revolta de Antônio Conselheiro (1876) e do aparecimento de *«Os Sertões»* (1902), de Euclides da Cunha – onde temos a descrição clássica deste curiosíssimo tipo de brasileiro, o sertanejo lá continua sem ter mudado. Seus hábitos de vida são os mesmos, e a mesma é a sua indumentária, que tanto impressionou o genial repórter dos *«Sertões»*. As fotos do sertanejo Antônio, tiradas há poucos dias, seriam ótimas ilustrações para o capítulo III da grande epopéia cabocla, intitulado *«O Homem»*. É interessante confrontar as fotografias desta página com certos trechos desse famoso capítulo, precisamente os que deram maior trabalho à versão inglesa dos *«Sertões»* – *Rebellion in the backlands* – da autoria de Samuel Putnam, o escritor norte americano (*Revista do Globo*, 15/04/1950: 57)².

Ao longo da primeira metade do século XX, outros tantos intelectuais brasileiros contribuiriam para a formação de uma perspectiva semelhante acerca da nacionalidade brasileira. Em 1914, Monteiro Lobato publicaria *Urupês*, forjando em

2. A data apresentada pela revista para o conflito envolvendo os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro está, evidentemente, incorreta. A Guerra de Canudos aconteceu entre novembro de 1896 e outubro de 1897.

suas páginas a figura do Jeca Tatu, personificação do brasileiro interiorano, mestiço, em tudo adepto à lei do menor esforço, descrito por Lobato como «*espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças*» (Lobato, s/d: 141). Diante do progresso, materializado pela via-férrea e, não por acaso, pelo italiano, o Jeca empreenderia sua eterna fuga para o interior, sempre avesso a qualquer adaptação, levando consigo seu cachorro, seu pilão e seu isqueiro.

A figura do Jeca se aproxima em alguns pontos a Macunaíma, o herói forjado por Mário de Andrade. Publicado originalmente em 1928, o livro nos apresenta o herói preguiçoso e sem caráter, fruto da selva e da mestiçagem, que ao longo de sua trajetória experimenta a dicotomia entre o rural e o urbano. Espécie de síntese do elemento nacional, Macunaíma é simultaneamente índio, negro e branco. Malandro, libidinoso e macumbeiro. E também inventor do futebol. Esta personagem marcante da cultura brasileira é resultante, em larga medida, das viagens empreendidas por seu criador pelo interior do país, colhendo relatos e lendas populares. Segundo Daniel Faria:

Em primeiro lugar, o autor procurava ressaltar o caráter literário de seu livro. Com isso, *Macunaíma* não deveria ser lido como um tratado sociológico, mas como invenção livre de um enredo narrativo. À parte isto, Mário de Andrade também ressaltou o fato de que o livro seria um índice da «entidade nacional dos brasileiros», uma súpula de seu caráter psicológico. Advertindo para o fato de que *Macunaíma* não era um símbolo da psiquê brasileira, Mário defendia uma leitura que entendesse sua obra como um «sintoma» da brasilidade. Portanto, o livro era, simultaneamente, invenção literária, resultado de pesquisas etnográficas e ponto de partida para uma reflexão sobre a brasilidade (Faria, 2006: 271).

No mesmo ano em que *Macunaíma* vinha à luz, Paulo Prado, um filho da mais tradicional pauliceia quatrocentona e mecenas da Semana de Arte Moderna de 1922, publicava seu *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, obra que inicia apresentando em uma frase a tese desenvolvida ao longo de suas páginas: «*numa terra radiosa vive um povo triste*» (Prado, 1962: 3). Segundo o autor, tal tristeza teria origem no sentimento de luxúria que se apoderaria do português quando de sua chegada ao novo mundo e da ambição do enriquecimento rápido através da mineração, fatores estes emoldurados por uma natureza sufocante. Desde tempos coloniais, o brasileiro viveria em uma carência construtiva, religiosa e estética, negligenciando a edificação lenta da riqueza através da agricultura enquanto desperdiçaria sua força produtiva nos prazeres da carne e da busca de uma riqueza fácil. «*Desses excessos de vida sensual ficariam traços indeléveis no caráter brasileiro*» (Prado, 1962: 100). Não bastasse isto, Prado ainda aponta a existência de um último mal a afligir a brasilidade: um romantismo exacerbado, com um viés pessimista e negativo, que nos levaria a um bacharelismo de fachada, valorizando uma oralidade rebuscada que nada mais seria do que uma barreira das elites diante de uma população de analfabetos. A contraposição a uma perspectiva

de civilização e desenvolvimento torna-se evidente quando Prado, ao iniciar o capítulo intitulado «Tristeza», estabelece uma longa descrição da colonização dos Estados Unidos, ressaltando as características de empreendedorismo produtivo associadas à moral puritana.

O mesmo período histórico que recebe tais leituras produzidas por intelectuais brasileiros também marca o surgimento de outras interpretações, que buscavam imprimir um traço de valorização da cultura e da identidade brasileira. Se tal movimento, cujo marco inicial costuma ser associado à realização da Semana de Arte Moderna de 1922, frutificará em obras como *Casa-Grande & Senzala* ou *Raízes do Brasil*,³ isto não significa que ao final da década de 1940 o pensamento evocativo das «três raças tristes» tenha sucumbido. Antes, defendemos a ideia de que a Copa do Mundo de 1950 ocorria justamente em um momento de encruzilhada entre estes dois paradigmas, que permearam o discurso produzido pela imprensa durante o torneio, ao sabor dos resultados obtidos pela seleção dentro das quatro linhas.

III ...E UM BRASILEIRO PARA JOGAR

O futebol é um fenômeno sociológico. Em locais onde o efetivo exercício da cidadania se constitui em um desafio ou mesmo em uma quimera, o futebol confere o sentido de identidade e pertencimento a uma coletividade. Sob uma mesma bandeira e vestindo uma mesma camisa, pessoas de origens e realidades sociais diversas realizam o conagraamento por vezes negado pela ideologia nacional, sendo-lhes exigindo em troca somente a fidelidade às cores do clube ou da nação.

Mas como o futebol obteve espaço tão marcante na construção de uma imagem do Brasil? E, principalmente, o que a realização da Copa do Mundo de 1950 tem a ver com a formação de um sentimento de nacionalidade e com a figura do brasileiro forjada pela intelectualidade? Iniciando pelo primeiro questionamento, sabemos que o futebol é fruto da urbanização e da proletarização, processos vinculados à expansão do sistema capitalista ao longo do século XIX. Diversos autores apontam a demanda de atividades de lazer por parte da classe proletária em expansão na Europa e, principalmente, na Inglaterra (Franco Junior, 2007; Giulianotti, 2002). O futebol, neste sentido, cumpriria uma dupla função, forjando a identidade entre trabalhadores e seus locais de trabalho no caso dos times de fábrica, ou ainda com o espaço de moradia no que concerne aos clubes de

3. Contudo, lembremos que Gilberto Freyre, ao estabelecer seu discurso sobre a ideia dos «antagonismos em equilíbrio», reproduz, ao menos em nível estrutural, a lógica do binômio «atraso e modernidade», ainda que sem o estabelecimento de um caráter negativo. Já Sérgio Buarque de Holanda, ao cunhar a figura do «Homem Cordial» ressalta a pessoalidade nas relações como elemento que se sobrepõe a burocracia estatal, cujo ideal de impessoalidade marcaria o funcionamento dos estados desenvolvidos. Cfe: FREYRE, Gilberto, 1984. HOLANDA, Sérgio Buarque. 1997.

bairros ou regiões periféricas. Em alguns casos, a vinculação entre clube e torcida poderia evocar identidades étnicas (caso do Tottenham, associado aos judeus de Londres), religiosas (Glasgow Rangers = protestantes X Glasgow Celtic = católicos) ou mesmo políticas (como o Livorno, cuja torcida entoava hinos comunistas nas arquibancadas). O caso brasileiro, contudo, parece obedecer a algumas lógicas próprias. Aqui, a expansão do futebol, inicialmente percebido como uma atividade de elite, estaria vinculada à introdução de novas práticas corporais associadas ao ideal higienista que, assim como os padrões de civilização e modernidade, tinha sua origem na Europa. A apropriação do futebol por negros e pobres ainda na primeira metade do século XX significou, no caso brasileiro, a superação de um ideal amadorístico que escondia no fundo o preconceito de uma elite desgostosa em dividir seus espaços com pessoas socialmente menos qualificadas.

Na origem desta apropriação do futebol pelas camadas menos favorecidas, dois elementos costumam ser lembrados: a simplicidade de suas regras e a possibilidade da bricolagem, adaptando-se espaços e equipamentos. Destes tempos primordiais, resultaria o surgimento de um futebol «gingado», fruto da malemolência de corpos educados na capoeiragem mas também da necessidade de escapar das bolas divididas entre ricos e pobres, onde o apito do árbitro, como verdadeira metáfora da justiça brasileira, teria por hábito pender para o lado mais forte. Contudo, acreditamos que alguns outros elementos devem ser considerados na elevação do futebol ao posto de «esporte nacional brasileiro». Em primeiro lugar, esta popularização reflete a tentativa dos grupos sociais menos favorecidos em reproduzir hábitos normalmente atribuídos a um padrão de vida superior. Neste sentido, há que se lembrar que exibir tais hábitos poderia significar a tentativa de romper com o estigma da escravidão (temporalmente próxima) e da pobreza (ainda que de forma mais aparente que real).

A popularização do futebol passa também pelo processo de consolidação da moderna imprensa brasileira que, àquela altura, ingressara em uma fase plenamente capitalista de produção. Os grandes jornais, com efeito, apresentavam-se já como empresas, visando o lucro ao tratar a notícia como um produto vendável. Neste processo, o jornal deveria atingir públicos diversos através da divisão por assuntos e da criação de linguagens específicas para cada segmento. Assim, criava-se a demanda por uma crônica esportiva capaz de sintetizar nas páginas de jornais e revistas os acontecimentos e sentimentos vividos dentro dos estádios, divulgando a imagem dos principais clubes do centro do país e de seus atletas para os mais distantes rincões.

Outro agente que se mostra fundamental neste processo é o rádio. Este, ao se popularizar, passou a levar transmissões esportivas para o interior do Brasil, que podia assim acompanhar o cotidiano de clubes e atletas. O ponto de inflexão nesta nova tecnologia seria dado por ocasião do III Campeonato Mundial de Futebol, em 1938, quando, pela primeira vez, uma Copa do Mundo teve seus jogos irradiados ao vivo no país. O poder de agregação da novidade, fomentando a ideia de comunidade imaginada (Cfe: Anderson, 2011) associado à boa campanha

realizada em gramados europeus colaborou no surgimento de ídolos como austo, Leônidas da Silva ou Domingos da Guia, jogadores que suscitavam a simpatia popular por seu bom desempenho dentro dos gramados, mas que também traziam literalmente na pele a marca de uma origem social menos favorecida.

Há ainda um papel fundamental desempenhado pelo futebol brasileiro no que diz respeito à identidade nacional na metade do século XX que nos parece ter recebido pouca atenção por parte dos pesquisadores. Segundo Eric Hobsbawm (1998: 49), uma nação, a fim de que possa ser percebida como tal, necessita cumprir três pressupostos básicos. O primeiro remeteria a necessária identificação com uma unidade política anterior, de passado mais ou menos recente, passível de ser reconhecida. O cumprimento de tal pressuposto pode ser considerado cumprido através da identificação com o Estado português no período colonial, cuja história, ao ser partilhada por todos, geraria a necessária identificação coletiva com um passado comum. Um segundo item estaria na existência de uma elite administrativa, com um vernáculo escrito que tenha a função de língua oficial, o que é sanado através da oficialização da língua portuguesa. Há, contudo, um terceiro ponto: a capacidade comprovada de conquista, cuja demonstração está normalmente associada ao plano militar. Julgamos que para o caso brasileiro, tal item encontrava-se ainda em aberto, uma vez que a comemoração de vitórias militares ocorridas ao tempo do Império não conviriam para a jovem República. Da mesma forma, demonstrações internas de força, como ocorrera contra os sertanejos de Canudos, não cumprem tal função, afinal, as vítimas eram, ao cabo, brasileiras. Poderíamos ainda evocar a participação nacional ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial, mas esta, sabidamente, se dera já ao final do conflito, e em um papel coadjuvante. Neste sentido, nossa prova de conquista estaria ainda em aberto. O futebol cumpriria assim o papel de substitutivo da guerra, sendo a conquista da Copa de 1950 a possibilidade de nos mostrarmos ao mundo como vencedores, preenchendo esta importante lacuna na identidade nacional brasileira. Perder, ao contrário, significaria a derrota dentro de seus próprios domínios. E, para a derrota, foram buscadas explicações que, muitas vezes, passaram pelas antigas narrativas críticas e preconceituosas, herdeiras de preconceitos que remontavam ao período colonial.

IV. OS MODERNOS E OS BÁRBAROS NA LUTA PELA JULES RIMET

O futebol, uma vez popularizado através da cobertura midiática e já sob o regime de profissionalismo que lhe retirava o amadorismo preconceituoso das elites, logo se tornou um símbolo distintivo da identidade brasileira e, por extensão, de seu atraso diante do mundo dito civilizado. Tomemos como exemplo a excursão do Southampton, em 1948, pelo Brasil. Sua estada no Rio de Janeiro provocou viva sensação entre os jornalistas, merecendo matérias da revista *O Cruzeiro* (então a revista de maior circulação no país) e ficando marcada de forma indelével na

memória do jornalista Mário Filho. Este, anos mais tarde, comentaria: «num simples bate-bola dos ingleses, no campo do Botafogo, grandes nomes da crônica esportiva brasileira não se continham em gritinhos de entusiasmo. Um inglês parava uma bola e era como nunca se tivesse visto um jogador parar uma bola. Ou chutar uma bola, ou passar uma bola» (Rodrigues Filho, 2003: 274).⁴ A atuação inglesa, contudo, causaria decepção, a ponto de a matéria referente ao jogo receber o significativo título de «*Um blefe sensacional*». Ainda assim, *O Cruzeiro* não deixava de prestar sua reverência ao caráter civilizado do quadro inglês, explicitando de forma magistral como o futebol pode ser entendido como síntese de uma nação. Com efeito, a matéria apresentava duas fotografias, cada qual com um dos times postados segundo o ritual até hoje existente antes de cada partida. As legendas que acompanham as fotos assim os descrevem.

Southampton – Quadro inglês. Note-se a forma com que se apresentam diante do fotógrafo, fabulosamente alinhados, braços cruzados, igualmente ajoelhados, formando um conjunto absolutamente igual e elegante.

Fluminense – Ninguém se entende. Um olha para o lado, procurando algum conhecido. Outro põe as mãos esperando um possível sinal de partida. Alguns fitam o chão. Nenhuma organização. São brasileiros (*O Cruzeiro*, 5 de junho de 1948, p 38-42).

Tal exemplo ilustra a forma como o futebol passou, aos olhos da imprensa brasileira, a símbolo das características associadas à nacionalidade, espelhando traços psicológicos atribuídos genericamente ao povo. Anos mais tarde, João Lyra Filho, chefe da delegação brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1954, chegaria às mesmas conclusões ao publicar suas impressões sobre aquele torneio. Conforme Simoni Lahud Guedes, a obra de Lyra Filho proporia a transformação do futebol em um «*epifenômeno de outros fenômenos sociais e num espaço de observação destes outros fenômenos*», possibilitando o intercâmbio entre termos como «jogador», «seleção brasileira» e «povo brasileiro» sob as mesmas características. (Guedes, 1998: 24). Elevando o desporto a laboratório de testes da desigualdade evolutiva entre os povos, Lyra chegaria ao estabelecimento do seguinte paralelo entre brasileiros e europeus:

brasileiros-improviso, denodo, impavidez, brio, físico, instintivo, natural, espontâneo. europeus-raciocínio, mente, espírito, maturidade, autocontrole, cultura, experiência⁵.

O futebol, contudo, passava também a ser utilizado, no caminho inverso, como elemento de afirmação da identidade brasileira por outros representantes de nossa imprensa. A mesma revista *O Cruzeiro* que estabelecia traços distintivos de caráter a partir de uma foto dos times perfilados, trazia o texto abaixo, assinado

4. Cabe lembrar que, à época, o Southampton disputava a segunda divisão do futebol inglês.

5. Anos mais tarde, a figura do «complexo de vira-latas» criada por Nelson Rodrigues viria a dar uma compreensão popular ao pensamento de Lyra Filho.

por Rachel de Queiroz, oferecendo um contraponto não somente às pretensas características naturais do povo brasileiro, mas também ao falso apreço das elites pelo amadorismo, que nada mais fazia que excluir os trabalhadores da prática esportiva.

Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao «esporte das multidoões» nossos patricios em todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido da nossa preguiça. Pois quem ousará dizer que é o futebol esporte de preguiçoso? Nele suam e se esbofam não só os vinte e dois jogadores e o juiz, como a própria «torcida», que se escabela, urra, rola de arquibancada abaixo, invade o campo e enfrenta cavalaria.

Outra das nossas celebradas incapacidades que a prática do futebol desmente é a famosa incapacidade de organização do brasileiro. Pois parece um milagre ver como nos lugares mais humildes se formam teams – compostos na maioria de rapazes que moram mal, comem mal e dormem pessimamente, empregados em maus empregos, vivendo de biscates ou totalmente desempregados – mesmo porque a prática intensiva do esporte não dá margem para muito trabalho... Há, é verdade, os heróis que ao cabo de oito horas no pesado rebentando o corpo, ainda vão para o campo treinar, depois das quatro da tarde. Mas esses são exceções. O comum é o esporte absorver tudo, homem e profissão. Pois, como dizíamos, aqueles rapazes que comumente nada têm para si, surgem em campo de camisa e calção regulamentar, chuteira, meias, e alguns até se dão ao luxo de joelheiras (*O Cruzeiro*, 29 de janeiro de 1949: 106).

Neste contexto, a realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro ocorreria em um momento de reflexão acerca da natureza do caráter brasileiro, verdadeira fronteira entre visões opostas a determinar a índole de um povo. Ao lado da perspectiva tradicional, que associava sempre um traço negativo à formação social verde e amarela, outras exaltavam a capacidade de trabalho e organização desta gente, ainda que sob condições adversas. Assim, a transposição direta do jeito de viver brasileiro ao jeito de jogar atribuiria à Copa do Mundo de 1950 o papel de momento de confirmação entre as duas perspectivas. Vencedores, os brasileiros desmentiriam seus intérpretes, que pouco ou nada saberiam acerca da alma nacional, ou ao menos deles se vingaria o povo, evidenciando o atraso de seus pontos de vista. Derrotados, restaria conformar-se à condição de «Jecas Macunaímas», eternamente impossibilitados de atingir o estágio de civilizados.

E não bastava vencer. Havia ainda de mostrar ao mundo cidades civilizadas e construir um cenário digno para a vitória. Se o ato de receber a Copa desperiferizava o Brasil, colocando-o nas páginas dos principais órgãos de imprensa do mundo (ao menos assim achávamos), a construção do maior estádio serviria como signo da conquista, coroando (mas não comprovando por si só) a afirmação nacional de um povo capaz de grandes realizações. Seu tamanho deveria refletir a magnitude da conquista brasileira, da gente brasileira, da condição brasileira perante o mundo.

Tal paralelo fica mais evidente ao percebermos o sentimento daquelas regiões que não foram contempladas com alguma partida válida pelo mundial. Em 27 de junho de 1950, o jornalista soteropolitano Rubilar assim expressava seu desapontamento pelo fato de Salvador não ter sido escolhida como uma das sedes daquele mundial.

Por que a Bahia não foi contemplada com a realização de, ao menos, um dos jogos da Copa do Mundo? Por que não deram à Bahia um estádio à altura de seu conceito no país? Em que ficaram as promessas no sentido de Salvador ser também conhecida no mundo inteiro como uma cidade onde não há onças ou cobras nas ruas? Vejam a propaganda que jogadores suíços e iugoslavos, ingleses e norte-americanos já fizeram de Belo Horizonte. Não pensavam que além do Rio e de São Paulo houvesse outro centro civilizado no Brasil. E irão dizer que em Recife, em Curitiba e em Porto Alegre também não há bichos voadores e mordedores ou índios nas ruas (A Tarde, 20 de junho de 1950: 5).

As considerações do jornalista baiano encontrariam eco no outro extremo do país, evidenciando que o desejo de desperiferização, de mostrar-se civilizado para o restante do mundo, tomava conta não apenas dos dois principais centros do Brasil. Em Porto Alegre, a Revista do Globo aproveitou-se da partida entre mexicanos e iugoslavos no Estádio dos Eucaliptos para saber qual a melhor impressão que alguns daqueles jogadores levaria do Brasil. As respostas publicadas, embora apontem também para outras direções bem menos esportivas, evidenciam a preocupação em inserir a cidade dentro da imagem de modernidade e civilização que se pretendia constituir.

Cinco dos trinta e três craques do futebol estrangeiro que se exibiram em P. Alegre, RGS, responderam à pergunta desta quinzena:

QUAL É A MELHOR IMPRESSÃO QUE V. LEVA DO BRASIL?

CARBALLAL, goleiro do selecionado mexicano, respondeu assim à pergunta: «Do que mais gostei no Brasil foram das muchachas. Nós, no México, temos as morenas mais lindas do mundo e as do Brasil se parecem com elas. Daí, talvez, minha preferência.

CUBURÚ, médio mexicano: No Brasil há muita coisa boa, tanto em Pôrto Alegre como no Rio de Janeiro. Mas, na verdade, se tivesse de escolher uma coisa entre as demais creio que não teria dúvidas: escolheria as muchachas. As brasileiras são lindas.

CJAKOWSKI I, médio da seleção da Iugoslávia, teve uma opinião concorde com os demais: O que mais me agradou entre todas as coisas que vi no Brasil foram as suas mulheres, principalmente as de Belo Horizonte. Elas são as mais bonitas do mundo! BOBEK, meia-esquerda da seleção iugoslava: Gostei de muitas coisas: das praias, das cidades modernas e da hospitalidade do brasileiro. Como desportista, no entanto, não posso deixar de registrar minha bela impressão sobre o futebol brasileiro.

STANKOVIC, zagueiro do selecionado iugoslavo, não teve dificuldades em responder: Estou muito impressionado com a hospitalidade do povo e das autoridades esportivas do Brasil. Levamos todos uma bela impressão da terra brasileira. E saudades, também (Revista do Globo, 22 de julho de 1950: 16).

Contudo, a vitória não veio. Com efeito, o gol de Ghiggia parecia confirmar, para muitos brasileiros, os seus piores pesadelos. A derrota no último momento, quando todos os detalhes os favoreciam, foi algo visto por muitos como signo definitivo da incapacidade, da ausência de autocontrole diante dos momentos decisivos. O que era tão somente um jogo de futebol, onde a derrota é sempre uma possibilidade posta no horizonte, foi alçado à condição de comprovação de índole nacional. Pouco interessava que os vencedores finais, os uruguaios, fossem tão sul-americanos quanto os brasileiros, que seu capitão, Obdulio Varela, fosse um mestiço, e que a equipe comportasse jogadores negros em seu grupo. Não interessava a visão de continente. Tratava-se tão somente da oportunidade perdida para a afirmação diante do resto do mundo. O periódico portoalegrense *Correio do Povo*, na busca por explicações para a derrota, traria em suas páginas um comparativo entre os capitães dos dois selecionados.

RIO, 17 (C.P.) – Um dos grandes fatores da vitória do selecionado do Uruguai foi sem dúvida o seu veterano «captain» Obdulio Varela.

As instruções pessoais, diretas, que dava no transcurso do jogo, dentro do gramado, aos seus comandados, incitando-os à luta, a agressividade com que se atirava aos adversários e mais, a atenção que prestava à própria arbitragem do juiz, foram de efeito psicológico.

O mesmo desvelo não teve o quadro brasileiro. O «captain» da nossa equipe, o fullback Augusto, apenas deu a sua contribuição pessoal, aliás em um grande dia, reconhecemos com justiça.

Mas isso não bastava para a responsabilidade de que o investiram. O dever de Augusto era também o de comandante. Cumpria-lhe difundir a confiança na vitória aos seus companheiros, levantando-lhes a moral depois que conquistamos o primeiro goal, aos três minutos do segundo tempo e, finalmente, ordenar até, se necessário, uma defesa cerrada, condizente com a situação.

Infelizmente tudo se deixou à discrição de Obdulio Varela, que, afoitamente, como é sua tática, distribuía e ordenava o jogo duro e interpelava o juiz e os bandeirinhas e jamais se conformava senão como bem estar do seu team. Colocando acima de tudo a vitória, em nenhum instante Obdulio Varela prestou atenção a protestos da assistência. Sua deliberação era vencer de qualquer maneira, como pudesse, pois em certo momento, chegou a dar a impressão de que preferia sair morto do gramado a sofrer uma derrota por negligencia ou outra causa que estivesse dentro das suas possibilidades.

O veterano jogador uruguaio houve-se, assim, inteiramente à altura da sua responsabilidade. Ouvia como cada um de seus companheiros de esquadrão, lições de tática do técnico da equipe. Dentro do campo da luta, porém, tinha a nítida compreensão de que só ele podia falar e agir. E o fez desassombadamente, até a consecução do seu objetivo.

O capitão do selecionado brasileiro, Augusto, só desempenhou a sua missão no início do jogo, fazendo a regulamentar escolha do campo. Depois, não se distinguiu dos seus subordinados uma única vez, sequer... (*Correio do Povo*, 18 de julho de 1950: 15).

O texto acima serve-nos como um exemplo entre tantos outros que, em busca de explicações para a derrota, partiram para as velhas concepções existentes acerca da «alma nacional brasileira». Augusto não tivera a fibra esperada de um comandante; o centroavante Ademir falhara nos momentos decisivos; o craque Zizinho sumira diante da adversidade; o goleiro Barbosa e os defensores Bigode e Juvenal não seriam confiáveis... É curioso notar, porém, que os relatos deixados por aqueles a quem pretendíamos impressionar não se coadunam a esta autocrítica, exaltando a organização do certame e conferindo ao jogo a sua real dimensão.

OPINA JULES RIMET SOBRE O CAMPEONATO MUNDIAL

Interessante entrevista do presidente da FIFA – Perfeita a organização da CBD.

Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou-se M. Rimet com evidente satisfação.

-O Brasil é o país dos contrastes – disse ele. –Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir.

-Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra «amanhã» no Brasil. «Vamos deixar para amanhã». No entanto, a organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com um extraordinário sucesso desportivo e financeiro. Não se pode pedir mais... (*Correio do Povo*, 9 de julho de 1950: 16).

FIBRA, FORÇA, SANGUE E PEITO

Comentário de JEAN ESKENAZI

Jamais uma Copa do Mundo nos deu tantas emoções puras, o que é um consolo para o Brasil, pois sua parte de glória ficou intata... Recebeu, também, sua parte de humilhação, mas entre as recebidas pelos maiores campeões do futebol. O Brasil jogou o melhor futebol, o mais entusiástico.

Os seus nervos o traíram mais que seu valor. Porque não se pode imaginar que, com a equipe que joga em seu próprio campo, vencendo de 1 a 0 a 30 minutos do fim da partida e para quem o empate ainda era uma solução vitoriosa, pudesse ser vencida. Incrível!

Técnicos perfeitos, artistas inigualáveis, os jogadores brasileiros terão de cultivar ainda o domínio tático, porque eles só foram vencidos por este lado.

Como eu tive razão quando disse aos brasileiros para tomarem cuidado com o plano da sua organização defensiva... Foram vencidos em 1950 da mesma maneira que em 1938. Vencidos por uma equipe inferior em técnica, em virtuosidade, em velocidade, mas que soube compensar, todas as suas faltas por uma impessoalidade, uma sobriedade e uma defesa realmente magníficas.

Bigode foi o herói infeliz desta 4.^a Copa do Mundo, permitindo a Gighia ser o triunfador.

Vencendo de 1 a 0, o Brasil não podia ceder à tentação de fazer uma exibição. *Tinha que jogar o resultado...* mesmo com o risco de parecer deselegante. Não se compromete uma vitória, que já estava adquirida (...).

Nesta dura batalha, os brasileiros tiveram que lutar mais que seus dignos vencedores. Sem nenhuma dúvida, a técnica do futebol de amanhã será a dos brasileiros (...).

O futebol de amanhã será, sem dúvida, o dos brasileiros.

Não deve ser uma partida perdida ou a falha de um jogo que pode condenar a técnica brasileira (...).

Qual a Copa do Mundo que deixou marca mais funda que a do Brasil?

A honra é do Brasil (*O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950: 22-27, 50)⁶.

É curioso perceber que ambas matérias não deixam de fazer referência às características atribuídas aos brasileiros. Contudo, operam uma separação entre este «modo de ser» e a necessidade da conquista. Para o Brasil, não bastava a construção do Maracanã a negar uma hipotética pouca engenhosidade, a organização perfeita do certame em oposição ao pressuposto instinto de improvisação e espontaneidade. O Brasil não jogava apenas contra um adversário, mas contra si mesmo, contra sua imagem há muito construída e que historicamente nos lhe fora introjetada.

V. A PRORROGAÇÃO DOS SENTIDOS

Sendo um fenômeno de massas, a capacidade do futebol brasileiro em mobilizar estereótipos e sentidos a respeito do próprio Brasil é algo que, com efeito, não se estanca com a Copa de 1950. Antes, vitórias e derrotas acionam discursividades que se colocam como ferramentas dispostas à crítica ou celebração de nossas características nacionais. Dois momentos podem aqui ser evocados, por envolverem os mesmos personagens de 1950 (Brasil e Uruguai), em contextos diversos: a partida semifinal da Copa do Mundo de 1970, e a final do Torneio Mundialito, disputado em 1981.

Em 1970, o Brasil que foi representado por sua seleção na partida semifinal, disputada no Estádio Jalisco, era muito diferente em relação ao Brasil de 20 anos antes. Não somente pelos títulos mundiais conquistados em 1958 e 1962, mas também porque o próprio desejo de modernidade havia, aparentemente, deixado de ser um sonho para se tornar uma realidade em construção a partir do projeto desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), provocando o crescimento industrial principalmente a partir da indústria automotiva e das estruturas de transporte do país, mas também provocando o êxodo rural, o crescimento desordenado dos meios urbanos e um alto processo inflacionário. O país que levantara duas Copas também passara por uma tentativa frustrada de Golpe Militar em 1961 e outra, infelizmente bem-sucedida em 1964, e vivia agora com a

6. Jean Eskenazi era um dos maiores nomes do jornalismo esportivo mundial à época.

euforia econômica de um novo ciclo de crescimento industrial e de consumo da classe média, com o aumento vertiginoso da desigualdade social e com o auge da repressão patrocinada pela ditadura civil-militar (1964-1985).

Dentro das quatro linhas, a seleção brasileira que saíra do Brasil um tanto quanto desacreditada chegava à semifinal da competição exibindo um futebol luxuoso. As quatro vitórias convincentes nas quatro partidas anteriores (inclusive contra a Inglaterra, campeã na edição anterior do torneio) permitiam sonhos maiores. No meio do caminho, porém, havia um fantasma: o fantasma de 1950, da mítica garra charrua e do destempero brasileiro diante de um momento decisivo. Apenas a título de exemplo, o filósofo e jornalista Ruy Carlos Ostermann, no dia da partida, escrevia nas páginas do jornal *Correio do Povo* que «a solução tática da partida» estaria «na dependência estrita do controle psicológico», havendo assim a necessidade «da superação de fatores como a decisão do Mundial de 50 (que todos não cansam de lembrar escatologicamente) e uma tradição que varia de década mas sempre volta como uma má lembrança» (*Correio do Povo*, 17 de junho de 1970: 17).

A vitória brasileira por três tentos contra um naquele dia parecia evaporar os resquícios dos fantasmas de vinte anos antes, fato que transparece nas páginas do mesmo jornal:

A história não se repetiu, conforme esperavam os uruguaios. O termo *Maracanazo* já não mais existe, pois a resposta foi dada vinte anos depois com o *Jaliscoazo*, o que tanto alardeavam os defensores da *celeste*. Não se pode negar que a vitória de então foi líquida, sem contestação, fruto unicamente das coisas do futebol, o que vem trazer o encanto do *esporte das multidões* (*Correio do Povo*, 18 de junho de 1970: 17).

Enquanto isso, no outro lado do Brasil, o renomado jornalista Heron Domingues, em texto publicado no Jornal baiano *A Tarde*, evocava outros sentidos para a atuação brasileira e sua desforra contra os uruguaios, contrapondo-se de antemão à utilização posterior que o governo do Ditador Emílio Médici buscava efetuar, associando o título do selecionado a seu governo.

Governante ou governado, poderoso ou anônimo, governista ou inconformado, rico, pobre ou remediado, o brasileiro deve meditar sobre estes dias de expectativas, tensões e alegrias futebolísticas. Há uma lição positiva a extrair. Somente com a soma dos esforços e da boa vontade de todos, conseguiremos obter outras *forras* mais importantes: a *forra* contra o analfabetismo e a vergonha das secas, a subnutrição e os males endêmicos, os mercados perdidos nas exportações e os resíduos inflacionários, em suma, contra a espinha do subdesenvolvimento, atravessada na garganta nacional. São tarefas gigantescas, que não podem ser apenas responsabilidade do Governo. Elas dependem de uma solidariedade semelhante àquela que imbuíu as *Formiguinhas* de Zagalo, no entusiasmo coletivo que a paixão do futebol injeta em nossas veias. (*A Tarde*, 19 de junho de 1970: 7)⁷

7. As «Formiguinhas de Zagalo» foi uma forma que a imprensa da época encontrou para se referir aos jogadores do selecionado brasileiro, comandados no mundial pelo técnico Mário Jorge Lobo

A perspectiva de que aquele havia sido um momento de vingança contra a derrota sofrida vinte anos antes parece haver sido esquecida ao fim de uma década. Na virada do ano de 1980 para 1981, o Uruguai seria sede do Torneio Mundialito,⁸ evento comemorativo aos cinquenta anos da primeira Copa do Mundo e que deveria reunir as seleções que até então haviam sido campeãs mundiais: Alemanha Ocidental, Argentina, Brasil, Itália, Uruguai e Inglaterra. Esta última, porém, recusou o convite e acabou sendo substituída pela Holanda, vice-campeã nas edições de 1974 e 1978. Após dois triangulares classificatórios, Brasil e Uruguai se credenciaram para a disputa da partida decisiva, a ser realizada no Estádio Centenário, de Montevidéu.

Mais uma vez o contexto brasileiro que cercava a partida era distinto, se comparado à partida decisiva de dez anos antes. A euforia econômica do início dos anos 1970 e que tanto beneficiara o consumismo da classe média já era coisa do passado. A herança daquele ciclo era uma brutal dívida externa, uma inflação aparentemente desgovernada que corroía os salários da classe trabalhadora, um aumento expressivo da pobreza e da miséria nos grandes centros urbanos e o aprofundamento ainda maior das desigualdades sociais, agravadas agora pelas políticas de desenvolvimento capitalista da agricultura e da concentração de terras no meio rural. Politicamente, a ditadura visivelmente cambaleava e o então ditador, general João Baptista Figueiredo negociava a volta dos civis ao comando político do país (o que só se daria no início do ano de 1985).

Todavia, o clima de abertura política vivido naquele momento no Brasil permitia que o próprio vocabulário utilizado pela imprensa esportiva mandasse mensagens nem um pouco cifradas para a população. Assim, o Editorial de Esportes do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, assinado por José Antônio Ribeiro, já se arriscava a dizer que «há torcedores mais politizados que arriscam com ironia: o Brasil vai torturar o Uruguai». (*Zero Hora*, 8 de janeiro de 1981: 41). Já a analista de economia Ana Amélia Lemos, por sua vez, procuraria elencar os efeitos positivos de uma possível vitória brasileira naquele torneio.

O resultado da partida de hoje, em Montevidéu, é decisivo para desafogar tensões, especialmente neste início de ano que se anuncia tão pouco promissor. O trabalho da seleção brasileira, neste primeiro Mundialito, até agora só conseguiu injetar uma boa dose de otimismo na população e em todas as camadas da sociedade que mais se sensibilizam pelos problemas coletivos. É claro que a vitória do Brasil, neste campeonato, não vai resolver os problemas da inflação, da dívida externa, do balanço de pagamentos e de outros tantos que estão enraizados na estrutura sócio-econômica do país, mas o ingrediente psicológico desse resultado influi para que a

Zagalo. A imagem acabou sendo amplamente utilizada pela propaganda pró regime militar, dada sua capacidade de evocar trabalho em equipe, ordem, organização e senso de coletividade. Curiosamente, um conjunto de valores contrários às perspectivas tradicionais acerca do espírito brasileiro.

8. O torneio iniciou no dia 30 de dezembro de 1980 e foi concluído no dia 10 de janeiro de 1981.

comunidade tenha maior ânimo para enfrentar as dificuldades futuras (*Zero Hora*, 10 de janeiro de 1981: 4).

Havia porém, outro elemento que seria considerado importante na análise da partida, e que lhe atribuiria – agora sim – o sentido de uma vingança da derrota sofrida trinta anos antes. Ao contrário do que ocorrera dez anos antes, a partida daquele início de ano era, tal qual o mítico embate do Maracanã, uma partida final, e desta vez disputada no grande cenário do futebol uruguaio. Como fez questão de lembrar o jornalista brasileiro Cid Pinheiro Cabral, a partida disputada em 1970 «não era uma final, por isso que a vitória foi considerada, geralmente, como uma desforra a meio-pau. Só trinta anos depois, hoje, na decisão do Mundialito, é que os uruguaios e brasileiros vão se defrontar pela primeira vez, na decisão de um título internacional de características mundiais» (*Zero Hora*, 10 de janeiro de 1981: 35).

Todavia, no final daquela tarde, o Brasil seria novamente derrotado pelo placar de 2X1. A repetição do resultado, curiosamente, parece haver sido mais um dispositivo, para além da derrota em si, no processo de reabilitação dos fantasmas de 1950. Semelhanças eram buscadas pela imprensa, tal como o fato de a seleção chegar embalada por uma vitória contundente na partida anterior (4X1 sobre os alemães ocidentais) que teria gerado um efeito nocivo no ânimo dos jogadores. Segundo o texto do jornal *Zero Hora*, a partida havia sido um verdadeiro bis da derrota de 1950, afinal, «éramos os melhores depois da goleada na Alemanha, entramos confiantes e acabamos nos rendendo ao futebol mais corajoso, objetivo e pronto para uma decisão destas» (*Zero Hora*, 11 de janeiro de 1981: 41). Ao mesmo tempo, na Bahia, o jornal *A tarde* oferecia sua análise:

O Brasil, mais uma vez, fracassou na decisão de um título internacional com o Uruguai, desta vez na final do Mundialito ao perder de 2X1, um jogo em que esteve bem melhor no primeiro tempo. Mas não soube se controlar diante da garra da equipe local no segundo tempo. Os dois gols uruguaios foram marcados por inteiro descuido da defesa brasileira (*A tarde*, 11 de janeiro de 1981: 14).

Excesso de confiança, ausência de objetividade em momentos decisivos, descontrole, descuido, insuficiência de coragem e garra diante do adversário. O rol de motivos apontados para a derrota diante dos uruguaios em 1981 praticamente retoma, ainda que em outro contexto, a lista de motivos que teriam levado o Brasil à derrota no Maracanã trinta anos antes. Mais do que isto, retomava-se, no início daquela década, as características negativas atribuídas pelos intelectuais brasileiros do começo do século XX à brasilidade, como se a seleção nacional fosse um agente capaz de mimetizar, ao longo do tempo, aquelas construções discursivas que apregoavam a inaptidão da alma brasileira para o desenvolvimento, a operosidade e a modernidade.

Pouco importava, desta forma, que momentos de conquistas tivessem redimido os brasileiros dos «males do passado». A «alma nacional», construída por

intelectuais sedentos por desenvolvimento e próximos das mazelas atribuídas a uma tradição elitista e escravocrata estava novamente presente, apontando para uma pretensa natureza que incapacitaria o brasileiro às conquistas e realizações. O estereótipo torna-se assim uma ferramenta discursiva eficaz, sempre disponível a explicar através do autopreconceito e da associação entre seleção e nação as mazelas do país, fazendo com que a seleção brasileira ao entrar em campo não jogue somente contra o adversário, mas também contra a própria História nacional.

VI. BOLA NO CENTRO

Desta forma, o mundial de 1950 mexia com um amplo conjunto de sentidos e valores, que em muito ultrapassavam o aspecto meramente esportivo. O povo brasileiro, sujeito de interpretações construídas a sua revelia, encontrava a oportunidade de afirmar-se positivamente diante de outras nações. Contudo, a afirmação mais importante seria interna, contrariando as interpretações dos críticos de sua formação racial. Que tenha mostrado organização; espírito esportivo; engenhosidade e operosidade, tudo isto pouco importou ao final. Diante da exigência de modernidade, sua malandragem e sua ginga se mostraram, ao fim, inúteis.

A existência destes sentidos e valores atribuídos ao desempenho de um selecionado esportivo é um fator que nos indica não apenas a capacidade que o esporte de modo geral (e o futebol em particular) tem de reproduzir discursivamente os diversos estereótipos nacionais, mas também a força que o futebol possui dentro da cultura brasileira, mobilizando um ideário que confere à seleção nacional o epíteto de «Pátria de chuteiras» (Cfe: Santos; Borges, 2012: 70). Tais sentidos, com efeito, não se limitam ao contexto de nossa análise, seja exaltando os valores positivos atribuídos à brasilidade (especialmente quando da conquista de títulos mundiais), seja através do resgate discursivo das pretensas mazelas históricas da formação brasileira quando dos momentos de derrota, tal como na final do Torneio Mundialito em 1981 ou na eliminação na Copa do Mundo de 2014.

Referências explícitas a um recrudescimento de preconceitos raciais nas páginas dos jornais não foram encontradas. E julgamos que tal fato era, afinal, desnecessário naquele momento. Os preconceitos, tal como hoje, estavam ali, dissolvidos no meio dos torcedores. Entre aqueles que haviam lido Oliveira Lima, Euclides ou Paulo Prado, ou mesmo entre os que não haviam lido ou sequer sabiam ler, mas que eram atingidos por tais teorias por outros caminhos. Para os que esperavam a afirmação de uma identidade moderna e positiva para o brasileiro através de um jogo de futebol, a história reservaria novas partidas, a serem disputadas no futuro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cunha, E. (2000). *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro. Francisco Alves / São Paulo: Publifolha.
- Damo, A. S., Oliven, R. G. (2014). *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê.
- Faria, D. (2006). Makunaíma e Macunaíma. Entre a natureza e a História. En: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 26, n.º 51.
- Franco Junior, H. (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freyre, G. (1984). *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Giulianotti, R. (2002). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Guedes, S. L. (1998). *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: UFF.
- Hobsbawm, E. (1998). *Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Holanda, S. B. (1997). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lima, O. (2000). *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks / São Paulo: Publifolha.
- Lobato, M. (1997). *Urupês*. São Paulo: Brasiliense.
- Prado, P. (1962). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio,
- Rodrigues Filho, M. (2003). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Santos, M. dos; Borges, L. H. (2012). Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras. En: *E-escrita. Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, vol. 3, n.º 3, set-dez.